

nº 18 • set/out 2010

vou te contar

A revista do CENSO

Os caminhos do Censo:

histórias, fatos e impressões
do dia a dia da coleta

Um dia no posto de coleta • Quarta rodada de reuniões das CMGEs
Recenseamento em domicílios coletivos

Publicação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, governo federal

Centro de Documentação e Disseminação de Informações - CDDI

Coordenação de Marketing

Rua General Canabarro, 706 - 3º andar
Maracanã - Rio de Janeiro - RJ - 20271-201
Tel.: (21) 2142-0123 ramais: 3597 / 3547
Fax: (21) 2142-0257

www.ibge.gov.br

Mande comentários e sugestões para
voutecontar@ibge.gov.br

Coordenação de Marketing

Danielle Macedo

Editora-executiva

Agláia Tavares (MTB. Nº 18033)

Reportagem e Edição

Elaine Pinto, Marcelo Benedicto Ferreira,
Mário Grabojs e Marília Loschi de Melo

Projeto Gráfico

Eduardo Sidney Araújo

Fotos nesta edição

Álvaro Vasconcellos, Andrew White (Flickr),
Daniela Meibak, Diogo Oliveira, Elaine dos Santos Pinto,
Ivanilton Passos de Oliveira, Licia Rubinstein,
Marcelo Benedicto Ferreira, Marília Loschi de Melo,
Mônica Marli de Souza, PhotoXpress.com,
Silvio Tanaka (Flickr), Sueni Juraci de Mello dos Santos,
Svenwerk (Flickr) e Rafael Antunes do Amaral Santos

Imagem da capa

Daniela Meibak, Licia Rubinstein e
Ivanilton Passos de Oliveira (fotos)

Colaboradores

Monica Marli de Souza, Rose Barros e Unidades
Estaduais do IBGE do Amapá, Mato Grosso,
Minas Gerais, Rio Grande do Norte,
Santa Catarina e São Paulo

Revisão dos Textos

Gerência de Editoração Kátia Vaz Cavalcanti

Copidesque e Revisão

Anna Maria dos Santos, Cristina R. C. de Carvalho
e Kátia Domingos Vieira

Produção Gráfica Evilmerodac Domingos Silva

Impressão Plural Editora e Gráfica LTDA

Circulação IBGE

Tiragem: 80 000 exemplares

Permitida a reprodução das matérias
e das ilustrações desta edição, desde
que citada a fonte.

Conversa entre brasileiros

Para escrever esta edição da revista, a equipe da *Vou te Contar* foi ao encontro do Brasil. Viajamos para as cinco regiões do País, acompanhamos o trabalho dos recenseadores e conversamos com muita gente. Vimos de perto que no Censo Demográfico, mesmo que por poucos minutos, brasileiros conversam com brasileiros e, de várias formas, falam sobre o Brasil, principalmente quando pensam sobre si mesmos e suas famílias para responderem às perguntas feitas pelo recenseador. Esse breve contato, esse rápido bate-papo, para quem o observa com atenção, identifica outros resultados além do conjunto de dados inseridos no PDA pelo recenseador. E é isso que o nosso especial sobre a coleta de dados do Censo 2010 apresenta em cada reportagem.

Procuramos mostrar paisagens, histórias de vida, diferenças e diversidades regionais, o rural e o urbano, enfim, “um pouquinho de Brasil”.

Como não poderia deixar de ser, as reportagens também contam o cotidiano dessa grande operação: os desafios enfrentados pelos recenseadores, as peculiaridades no contato com os diversos entrevistados, a rotina em um posto de coleta e o trajeto até os setores censitários. Em cada lugar, uma estratégia para garantir a aplicação dos questionários.

Vimos que em um mesmo Brasil cabem os quilombolas, as tribos indígenas, os sertanejos e as comunidades de imigrantes estrangeiros que, em muitos casos, não falam português. Nesse mesmo País, também encontramos grandes metrópoles, com seus gigantescos e populosos condomínios residenciais, e extensas áreas rurais com domicílios situados a quilômetros um do outro. Mas, não é só isso, a lista de contrastes não se esgota facilmente quando o assunto é o nosso País. O IBGE que o diga!

Esperamos que a leitura das próximas páginas desperte em todos a sensação de pertencimento a essa nação, de identidade nacional, que nós sentimos florescer desde o momento em que iniciamos a apuração de cada reportagem, nos diversos locais para os quais viajamos, até agora, quando de alma pintada de verde e amarelo preparamos a próxima edição da *Vou te Contar*.

Boa leitura!

Equipe de Redação

Sumário

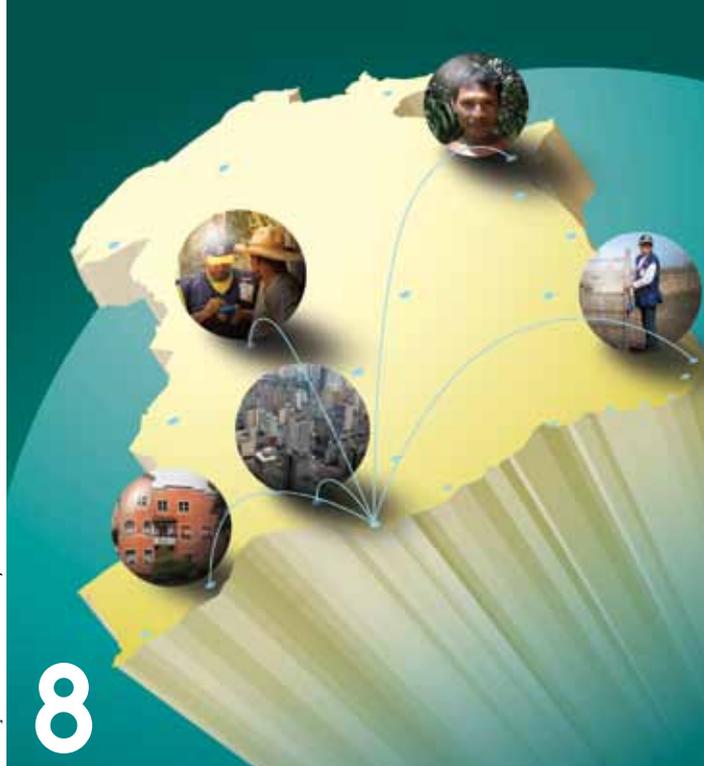


Ilustração: Eduardo Sidney.

6 Pelo mundo

7 Vamos Contar!

Professores do Piauí participaram de oficinas para conhecer o projeto.

Capa

A cobertura da coleta em cinco estados, em cada região do Brasil:

9 Amapá

A beleza de se contar gente em meio a florestas e áreas de preservação.

14 Rio Grande do Norte

Em tempos de estiagem, sertanejos dão boas-vindas aos recenseadores.

17 São Paulo

No maior prédio da América Latina, a marca do Censo nas grandes cidades.

20 Santa Catarina

Como foi o recenseamento entre estrangeiros (e brasileiros) que não falam o português.

23 Mato Grosso

Pelos campos de algodão e soja até o Pantanal.

26 Domicílios coletivos

O caso das repúblicas de Ouro Preto (MG).

28 Um dia no posto de coleta

A rotina de ACMs, supervisores e recenseadores em seu ponto de encontro.



Foto: Elaine dos Santos Pinto.



Ilustração: Eduardo Sidney.

29 Temas do Censo

A pergunta sobre cor ou raça no questionário básico.

30 Comissões

Na quarta rodada de reuniões, hora de verificar e corrigir os rumos.

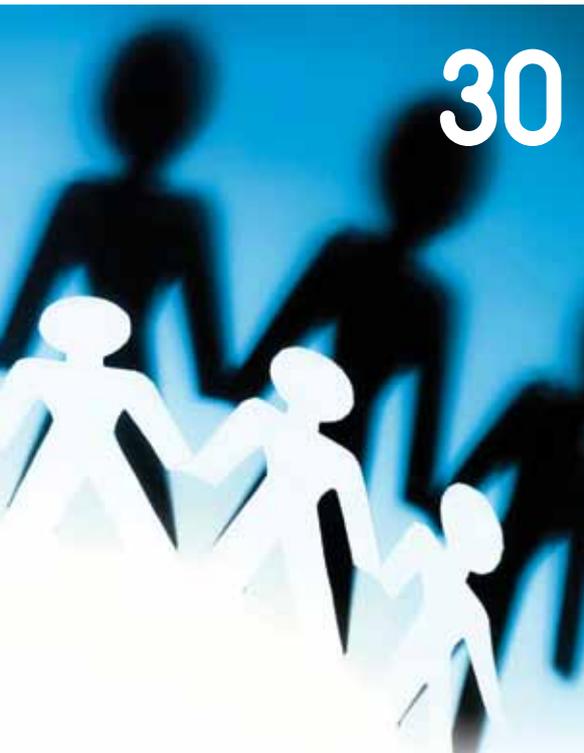


Foto: © PhotoXpress.com.

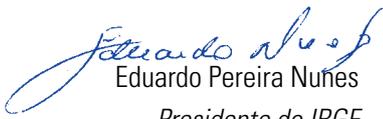
A palavra do Presidente

Desde o início do Censo, em 1º de agosto de 2010, vimos que a população brasileira abriu as portas de suas casas para os nossos recenseadores.

Em todo o País, eles venceram inúmeros desafios para visitar todos os domicílios. Esse fantástico contingente de recenseadores e de agentes censitários merece aplausos do corpo de funcionários do IBGE por ajudar nossa Instituição a cumprir a missão de retratar o Brasil.

A aplicação dos questionários é o ápice de um longo período de planejamento que envolveu inúmeras equipes de trabalho – inclusive com participantes de fora da Instituição, como é o caso das Comissões Municipais de Geografia e Estatística-CMGEs –, bem como os moradores do País, brasileiros natos e aqueles que escolheram o Brasil para viver. Por isso, é tão gratificante chegar na reta final da coleta e ver que os números demonstram a adesão maciça da população e a excelente qualidade do Censo. Assim, temos a certeza que o nosso “chamado” foi ouvido e atendido.

De fato, é durante o trabalho de campo que conhecemos os diversos “Brasis” que formam nosso País. Chegados os últimos instantes da coleta, nosso olhar já se dirige para os primeiros resultados do Censo 2010, que serão divulgados em novembro deste ano. Ainda teremos muito trabalho pela frente, pois nosso compromisso só se encerrará quando todos os resultados do Censo forem divulgados, tarefa que se estenderá pelo ano de 2011. Ao final, saberemos como somos e em que País vivemos – informações, sem dúvida alguma, fundamentais para o pleno exercício da cidadania.


Eduardo Pereira Nunes
Presidente do IBGE



Censo na Argentina

Lá na Argentina, 27 de outubro de 2010 é feriado nacional. Esse é o dia do censo, quando toda a população é recenseada ao mesmo tempo. Ninguém pode sair de casa. Escolas, restaurantes, cinema, teatro, bancos permanecem fechados. Apenas os serviços emergenciais ficam disponíveis para a população.

No dia do Censo, cerca de 600 mil recenseadores percorrem todos os domicílios do País desde as 8h da manhã. O objetivo é recensear todas as pessoas que passarem a noite de 26 para 27 de outubro no domicílio, independente se moram ou não nesse local. Aqueles que estão de plantão em hospitais ou outro local considerado serviço emergencial têm que se dirigir à escola mais próxima para serem recenseados.

O último censo na Argentina, ocorrido em 2001, contou 36.260.130 habitantes e 10.075.814 domicílios.

Japão tem aula sobre censo na Internet

O Censo do Japão conta com um recurso a mais na Internet para explicar à população para que serve, como funciona e como todos devem fazer para responder o questionário. A “sala de aula do censo populacional” está disponível no *site* do instituto de estatísticas de lá (www.stat.go.jp) e pode ser consultada em mais quatro idiomas (inglês, coreano, chinês e português). Lá, o internauta encontra respostas para perguntas do tipo: como responder o censo? O que o censo investiga? Para que são usados os resultados do censo? De onde vêm os recenseadores?

O Censo no Japão começou no dia 1º de outubro. No fim de setembro, os recenseadores deixaram envelopes com os formulários nos domicílios e os moradores deveriam preencher os dados, levando-se em consideração a sua situação no dia 1º de outubro, e devolvê-los até 8 de outubro. Para entregar os envelopes com os questionários já respondidos, o morador podia enviar pelos correios ou esperar o retorno do recenseador para retirá-los.

Albânia em 2011

O Censo na Albânia vai ocorrer em 2011, tendo início em abril. Assim informou o ministro de Inovações, Tecnologia de Informação e Comunicações do País, Genc Pollo. Após inúmeras discussões, ficou acertado que a melhor data para início da coleta por lá será o dia 2 de abril. Com base nos censos anteriores, a expectativa é de terminar a coleta em três semanas, sendo duas semanas para áreas urbanas e uma para a área rural.

A Albânia tem 3.194.972 habitantes, sendo 1.605.657 homens e 1.589.315 mulheres.



Coleta na Tailândia em setembro

O Censo na Tailândia começou em setembro. De 1º a 30, cerca de 70 mil recenseadores visitaram os domicílios com o questionário na mão para entrevistar a população do País. Os moradores podiam optar entre responder as perguntas através de entrevista presencial com o recenseador; responder o questionário impresso e enviá-lo ao instituto de estatísticas pelo correio; responder pela Internet ou pelo telefone.

Se a opção fosse a Internet, o morador podia baixar o questionário disponível em inglês, francês, japonês, chinês, khmer (um dos idiomas da Tailândia) e na língua falada em Myanmar.

Está prevista a divulgação dos resultados preliminares três meses após o fim da coleta de dados. Já os resultados definitivos só devem ser conhecidos seis meses após o fim da coleta.

O Censo nas escolas do Piauí

Coordenadores pedagógicos de escolas do Piauí participam de oficina para conhecer o projeto *Vamos Contar!*

A iniciativa foi do governo do Estado do Piauí: assim que soube do Projeto *Vamos Contar!*, que o IBGE leva às escolas brasileiras para falar sobre o Censo, a Secretaria de Educação do estado entrou em contato com o IBGE para propor uma ação conjunta. O fruto dessa parceria foi uma oficina realizada em agosto, voltada para os coordenadores pedagógicos da rede estadual de ensino do Piauí.

Cerca de 100 pedagogos dividiram-se em três turmas, uma para cada etapa de ensino – 1º ao 5º ano, 6º ao 9º ano e ensino médio. Em cada uma dessas turmas, os professores discutiram o material do *Vamos Contar!* e experimentaram os exercícios propostos pelos guias do projeto. As oficinas foram conduzidas pelos próprios funcionários da Secretaria de Educação do Piauí, e Aldo Victorio Filho, profissional do IBGE que integrou a equipe que formulou o *Vamos Contar!*, foi ao estado para solucionar as eventuais dúvidas dos professores. O objetivo foi avaliar a aplicabilidade do material a cada faixa etária. “Os manuais propõem aulas com novidades, dinamismo e que estejam totalmente conectadas com a realidade estatística do País”, disse o presidente do IBGE, Eduardo Pereira Nunes, que esteve presente no evento.

Célia Maria dos Santos, coordenadora pedagógica do 6º ao 9º ano, elogiou a multidisciplinaridade proposta pelo *Vamos Contar!*, ressaltando que essa característica está de acordo com o que é estabelecido pela Lei de Diretrizes e Bases-LDB da educação brasileira. “As oficinas proporcionaram a possibilidade de trabalharmos as habilidades e competências que a LDB cobra que as escolas forneçam. Nossa comunidade escolar terá uma nova visão do que é o IBGE e sua funcionalidade para a população”, avalia.

Os coordenadores pedagógicos que participaram das oficinas têm um importante trabalho a desenvolver: são disseminadores, junto aos professores de suas escolas, das informações que obtiveram durante o encontro. “Nossa intenção é primeiro discutir o material com o professor para que ele possa, conseqüentemente, trabalhar com o aluno. Partindo desse guia que nós recebemos, vamos inseri-lo no nosso planejamento e adaptá-lo para o que nós podemos fazer”, conta Cláudia Solange Alves Santana, coordenadora pedagógica do 1º ao 9º ano de uma escola de Teresina. Ela ressalta que o material deverá sofrer algumas adaptações para se ajustar às especificidades de seu colégio. “Cada escola é uma realidade”, resume.

Para João Mendes, coordenador pedagógico de ensino médio, os ganhos com o projeto também estarão presentes no cotidiano dos jovens estudantes fora dos muros da escola. “O projeto é uma parceria muito importante para que os alunos fiquem mais conscientes de seu papel na sociedade, mostrando um retrato mais fidedigno da nossa região e do nosso País. É fortalecedor trabalharmos esses aspectos na própria escola”, analisa.



As oficinas de aplicação do material da *Vamos Contar!* com as pedagogas foram uma iniciativa da Secretaria de Educação do Piauí. Cláudia (ao centro) vai adaptar o material e inseri-lo em seu planejamento escolar.

Fotos: Elaine dos Santos Pinto.

Tudo isso é Brasil

Um País de dimensões continentais, um Censo de cobertura total. IBGE por toda parte, recolhendo informações em cada canto do Brasil, para depois juntar tudo e montar nossa fotografia. Quem não gostaria de poder acompanhar um pouquinho dessa megaoperação?

Nos meses de agosto e setembro, a equipe da *Vou te contar* viajou por vários lugares, procurando mostrar o Censo em um estado de cada região do Brasil. Ao lado dos recenseadores, dos supervisores e de todos os envolvidos com a operação censitária, conversamos com brasileiros de todo tipo – e com não brasileiros também.

Fizemos os percursos, andamos os caminhos, e é o que procuramos trazer nesta reportagem especial. A grande história do Censo 2010 certamente ainda vai ser escrita. Mas, nas páginas seguintes da *Vou te contar*, essa tarefa já começou.



censo 2010

Cobertura da coleta - AP

Foto: Marília Loschi de Melo.



O Censo atravessa o linha do Equador

Estamos em Macapá, capital do Estado do Amapá, às margens do rio Amazonas, a única capital brasileira cortada pela linha imaginária do Equador. É uma ensolarada manhã de verão em pleno mês de agosto – não podemos deixar de mencionar que a maior parte do Amapá está localizada no Hemisfério Norte. Na Unidade Estadual do IBGE, repórteres de vários veículos de comunicação estão reunidos, atentos aos números do acompanhamento da coleta que acabam de ser divulgados por Haroldo Canto Ferreira, chefe da UE, e Joel Lima da Silva, coordenador de divulgação. O Amapá é um estado com excelente desempenho de coleta no primeiro mês de Censo, quando já haviam sido contados 58% da população, ou seja, 360.380 habitantes até então. O mês de agosto se encerrou com boas notícias e ainda muito trabalho pela frente.

Enquanto acontecia a coletiva para a imprensa, Adrimauro da Silva Gemaque, coordenador operacional do Censo 2010, tomava as últimas providências para nossa viagem de três dias ao interior do estado, onde pudemos acompanhar de perto o Censo em aldeias indígenas e bairros rurais no meio da Floresta Amazônica, percorrendo horas

Fotos: Marília Loschi de Melo.



Percalços na viagem: árvores tombadas no meio da estrada são apenas um exemplo das dificuldades para se chegar às remotas Terras Indígenas Wajãpi. As belezas naturais da Área de Preservação Ambiental do Curiaú atraem turistas e moradores do Amapá.

e mais horas em estradas de terra num total de “800 km de aventura”, como definiu Adrimauro.

Das peculiaridades do Amapá, vale mencionar que é o estado com maior proporção de áreas ambientais demarcada e protegida. Mesmo na capital, há Áreas de Proteção Ambiental-APAs, rica hidrografia e vegetação nativa ainda exuberante. Também tem, por isso mesmo, suas dificuldades. Alguns locais são acessíveis apenas de avião. Em outros, nada acontece sem a devida permissão das marés. Por exemplo: para o arquipélago de Bailique (na foz do rio Amazonas, ao sul), é a maré que determina se a viagem de barco vai levar dez ou dezesseis horas. Ao norte, o município extremo, Oiapoque, tem sua estrada de acesso tomada pela lama. Para o recenseador isso não é grande problema, porque a maioria dos moradores são da região e, portanto, dispensam rodovia. Difícil é para o supervisor, que sai de outra cidade e precisa encarar um verdadeiro atoleiro, sob risco de ficar preso por horas até conseguir ser puxado por um carro mais forte.

A porção oeste do estado é preenchida pelo Corredor da Biodiversidade do Amapá, uma área contínua de unidades de conservação que ocupa mais de dez milhões de hectares – maior do que Portugal – e equivale a 70% da área do estado. Foi lá que nossa jornada começou, mais precisamente nas Terras Indígenas Wajãpi. Tivemos a oportunidade de ver o Censo na região desde seus primeiros momentos: a preparação da equipe, os percalços no trajeto, a chegada na aldeia e o PDA em ação registrando as coordenadas e abrindo o primeiro questionário junto ao cacique Kua Wajãpi, da aldeia Pinoty (no dialeto wajãpi, pinoty significa “lugar com muitas bacabas”, palmeiras típicas do Amapá).

Em terras Wajãpi

O primeiro contato dos Wajãpi com não índios (chamados karaikos) é o mais recente de todas as aldeias do Brasil, tem pouco mais de 70 anos. Eles têm fama de índios arredios, de pouca conversa com gente de fora (ou conversa alguma, já que muitos

Cobertura da coleta - AP

não falam português – o número exato o Censo dirá) e de costumes ainda bastante preservados. Não usam roupa de karaiko, vestem tangas de tecido vermelho vivo; a pele muitas vezes é avermelhada de urucum; braços e pernas podem trazer fios de miçanga colorida; para os líderes, os fios de miçanga são longos, grossos, atravessados no peito. Estavam todos cuidando tranquilamente de seu dia a dia, quando o Censo chegou.

Militino Mendes dos Santos Filho, 60 anos, é o funcionário da Fundação Nacional do Índio - FUNAI que nos acompanhou na viagem, como um guia e relações-públicas com as aldeias. Ele trabalha com os Wajãpi há 26 anos e fala um pouco de seu dialeto, o que facilitou que os índios confiassem e recebessem aquele grupo de karaikos de boné e colete azul-marinho. Militino também foi recenseador em 1980 e 2000; ele explicou a importância do Censo 2010 ao cacique e a sua esposa, Karanã'I, misturando wajãpi e português. Misturava também informações objetivas e palavras afetuosas, querendo saber das últimas novidades, dos casamentos, das crianças (curumins), da saúde, tal como estivesse encontrando velhos amigos em cada uma das aldeias.

Assim percorremos, em um dia, três aldeias indígenas fazendo os primeiros contatos, explicando que o Censo seria feito na região nos próximos dias. A primeira delas, mais próxima à estrada – a Pinoty, do cacique Kua – foi logo recenseada, com suas quatro famílias, que em breve serão maiores. Um dos filhos do cacique, que já tem uma esposa, está namorando outra e, tão logo as coisas fiquem acertadas com o pai da noiva, ela virá para a aldeia. Poligamia é comum entre os Wajãpi.

Fotos: Marília Loschi de Melo.



No alto: Porquinhos-do-mato estão acostumados à presença humana na aldeia de Kua Wajãpi. Com a escassez da caça, algumas aldeias começam a fazer pequenas criações para consumo.

Acima: Um sagui, sem cerimônias, faz o "reconhecimento" do recenseador Clodoaldo Vieira. À esquerda: Cacique Kua Wajãpi, o primeiro a ser recenseado nas Terras Indígenas Wajãpi, ao lado de Raimundo Sousa, coordenador de subárea do Censo 2010.

Militino e o recenseador Clodoaldo Vieira estão preparados para ficar na reserva indígena por pelo menos dez dias até entrevistar todas as aldeias (42, de acordo com levantamentos da FUNAI). Vão preparados para um verdadeiro acampamento, levando redes, mosquiteiros e comida. Algumas noites passarão no posto da FUNAI na reserva, onde há luz e água encanada; algumas noites passarão no meio do mato, para conseguirem chegar às aldeias mais remotas. “Não aguento nem mais pensar em conserva e em comida enlatada”, diz Clodoaldo – e estamos apenas no primeiro dia. É possível que os índios convidem para uma refeição, eventualmente uma caça, quem sabe uma paca? “Não gosto muito de carne de caça, mas se tiver que comer eu como... senão é desfeita com os índios, né?”, pondera o recenseador.

Em outra aldeia, o cacique já avisou que estavam de mudança. Segundo ele, a caça está cada dia mais rara e o rio bom para pesca é longe, então é hora de buscar um terreno melhor, dentro da reserva mesmo. Para efeitos de Censo, o que vale é a data de referência - “Então vamos recensear logo”, orientou Militino, para não perder a aldeia de vista e registrar as coordenadas corretamente. Mais tarde, conversando com um casal wajãpi de outra aldeia, o marido explicava que as aldeias costumam se mudar depois de um período de tempo, seja porque morreu o cacique (e então o corpo dele fica enterrado ali, sob sua casa, “morando” na terra que as famílias vão deixar) ou porque os meios de sobrevivência vão escasseando. Para os Wajãpi, é muito importante deixar a natureza se recuperar de tempos em tempos, por isso as aldeias vão se mudando dentro da floresta. Sustentabilidade ainda não faz parte do vocabulário de todos ali, mas dá sinais nos modos wajãpi de ser.

Heronço negro

No quarto dia, já de volta à capital, a paisagem do verde exuberante continuou: visitamos uma comunidade quilombola localizada numa Área de Proteção Ambiental, a APA do Curiaú, caracterizada como zona rural. O local, famoso por seu balneário e pelas belezas naturais, atrai turistas e moradores do estado nos fins de semana ensolarados. Mas, para possuir um terreno lá, é preciso comprovar ascendência escrava que garanta a identidade de quilombola.

Maria Leite Machado, 72 anos, nasceu e criou-se numa casinha de madeira com seis irmãos no Curiaú, assim como sua mãe e a mãe de sua mãe. Seu pai, maranhense, chegou ao Curiaú pelos rios e igarapés, pediu hospedagem e ficou. Vive rodeada pela



Da esq. para dir.: no Mazagão Velho, Manuel Duarte coordena o grupo Raízes do Marabaixo. Aprendendo os toques e cantos, as crianças perpetuam a tradição da vila. Joaquim Araújo é a voz da vila: puxador das ladainhas das festas no Curiaú, ele também conta as histórias de luta e resistência da comunidade quilombola.

Fotos: Marília Loschi de Melo.

Cobertura da coleta - AP

família, em casas próximas, no terreno que finalmente lhes pertence. “A terra é nossa e estamos guardando para nossos netos e bisnetos”, defende Dona Maria.

A proposta de preservação do meio ambiente caminha lado a lado com a preservação cultural. Lá, a maioria da população é de negros descendentes de quilombolas, escravos que trabalhavam na área urbana de Macapá e fugiram, a nado, pelas lagoas da região. Eles preservam suas tradições em festas religiosas, como a Folia de São Joaquim, uma das mais importantes do Amapá, comemorada em agosto, quando o Curiaú se enche de visitantes de toda parte que vêm rezar, comer, cantar, dançar. Tem novena, ladainha e dois ritmos típicos amapaenses: o marabaixo e o batuque, expressões da cultura negra sincretizada com costumes católicos.

Joaquim Araújo, 67 anos, é nascido e criado no Curiaú, assim como seus pais. Ele é o puxador das ladainhas na época das festas e até reza em latim, tudo aprendido de ouvido, como faziam seus ancestrais. Seus avós vieram do Município de Mazagão, onde a tradição do batuque e do marabaixo é também a grande referência local.

“O marabaixo é uma dança e um toque criado pelos negros. Só tem aqui no Amapá”, diz Manoel Duarte, 32, que coordena o grupo folclórico Raízes do Marabaixo na vila de Mazagão Velho. No quinto dia de viagem, resolvemos rumar para lá e atravessamos, de balsa, dois rios para chegar ao Município de Mazagão. Depois de muita poeira em mais uma estrada de chão, chegamos ao Mazagão Velho, uma vila habitada por descendentes de escravos africanos trazidos do Marrocos em 1770 e que já em 1777 realizou a primeira Festa de São Tiago, a mais importante do estado, que acontece de 16 a 28 de julho.

A vila é tranquila, mas nem um pouco parada. Ou tem festa acontecendo, ou sendo preparada. Parece que nunca dá tempo de descansar as caixas de marabaixo, as tabocas de umbaubeiro, os tambores, o raspador. “Falou em festa, é no Mazagão Velho”, falam, ao mesmo tempo, a recenseadora Andréia Fernandes e sua supervisora, Antônia de Sousa. A vila tem festas durante todo o ano, festas que duram dias e até semanas. Andréia diz que a única dificuldade que teve ao fazer o Censo no Mazagão Velho foi porque encontrou muitos domicílios fechados, “provavelmente por causa das festas”, disse. De 16 a 24 de agosto é época da festa do Divino Espírito Santo (a festa em que mais se dança o marabaixo) e no início de setembro é a vez de Nossa Senhora da Luz, com novena todos os dias e uma grande festa no dia 7 de setembro. As pessoas realmente têm motivos para não estar em casa.

No meio de uma comunidade em que predominam os descendentes de africanos, a questão de cor ou raça não parecia guardar muitas surpresas. Mas o que Andréia não esperava era descobrir um “preto que já foi branco”. Assim conta Miguel de Queiroz, e a vila toda já conhece sua história: ele teria nascido branco, branquinho, até que, certo dia, no distrito do Carvão (ainda na cidade de Mazagão), um preto encostou nele e... Miguel teria ficado preto, pretinho. A *Vou te Contar* até quis saber como foi que Miguel se declarou ao Censo, mas não vai ser desta forma que descobriremos. Afinal, o IBGE preza pelo sigilo da informação...

Foto: Marília Loschi de Melo.

Foto: Andrew White (Flickr).



No alto: Dona Maria Leite Machado diante da casa que guarda a sua história. Acima: o Marco Zero, ponto turístico que marca a passagem da linha imaginária do Equador pelo estado.



Foto: Marcelo Benedicto Ferreira.

O censo vai ao sertão

A inscrição “bem-vindo” no portal na entrada do Município de Riacho da Cruz não é mera formalidade. Pelo contrário, representa de forma fiel o jeito acolhedor com o qual a população recebe seus visitantes. Localizado em uma área de sertão do Rio Grande do Norte, sua paisagem é marcante: vegetação de caatinga, com árvores e arbustos ressecados pela longa estiagem, muita poeira nas estradas que ligam a zona urbana à rural, rios e açudes quase secos, um vasto céu azul que se perde no horizonte e extensas planícies pontuadas por algumas elevações. Esse é o sertão onde encontramos famílias organizadas em torno da sobrevivência à escassez de água e da incerteza da colheita no final de cada inverno, estação em que se espera ver a terra ser molhada pela chuva.

N

ão é difícil de imaginar que em um município pequeno as pessoas se conhecem, se encontram no dia a dia e sabem a qual família cada morador pertence. Nesses locais, as mudanças na rotina logo chamam a atenção. Por isso, em Riacho da Cruz, município do sertão do Rio Grande do Norte, com população estimada em 3.165 habitantes, o fato

Cobertura da coleta - RN



Fotos: Ivanilton Passos de Oliveira e Marcelo Benedicto Ferreira.

Da esq. para direita.: residência típica da zona rural de Riacho da Cruz. Maria Celeste Ribeiro teve 16 filhos, mas, segundo ela, apenas “oito se criaram”. Seu Deocleciano Gomes de Paiva tem 80 anos e já foi vice-prefeito de Riacho da Cruz.

de três jovens uniformizadas passarem a percorrer as ruas da cidade, batendo de porta em porta, inicialmente virou alvo de olhares desconfiados – mesmo elas sendo moradoras do próprio município.

“Quando estava reconhecendo meu setor, via que as pessoas ficavam curiosas. O porteiro do colégio me disse: desculpa, mas vocês vieram de manhã, olharam, olharam e não falaram nada. E agora tão aqui de novo olhando e não falando nada. Diga uma coisa: o que vocês têm pra fazer aqui?”, conta a recenseadora Marília Cavalcante de Oliveira.

Porém, passado o estranhamento inicial, após a coleta de dados do Censo 2010 entrar na rotina dos riacho-cruzenses, o tradicional “pode entrar, minha filha, seja bem-vinda”, sempre acompanhado de um sorriso, passou a ser a marca de cada encontro das recenseadoras com os moradores. “A população tem me recebido muito bem, com muitos elogios. Dizem que sou uma pessoa excelente e que não imaginavam que eu era assim”, se orgulha Marília.

“O fato de muitas pessoas conhecerem a gente e os nossos pais ajuda muito”, explica a supervisora Juliete Paiva Oliveira. Porém, como lembra Marília, essa sintonia com a população também traz algumas complicações: “Às vezes as pessoas não entendem por que eu pergunto coisas que elas imaginam que eu já sei. Elas dizem: ‘você não está vendo que aqui não tem computador?’; ‘ué, você não sabe meu sexo?’. Nessas horas tenho que dizer que o meu trabalho é perguntar”.

E de pergunta em pergunta se surpreendem com a diversidade encontrada em cada domicílio visitado: “Quando entramos em uma casa e achamos que conhecemos tudo, nos surpreendemos quando vimos que não era nada daquilo que a gente imaginava. Pela janela da frente você vê uma coisa e quando você entra é outra”, diz Marília. Os contrastes também chamam a atenção da recenseadora Maria das Graças de Paiva Freitas: “Em uma casa você encontra uma pessoa de 30 anos que nunca frequentou escola e um de 70 que frequenta”.

Retratos do sertão

Para a realização do Censo 2010, Riacho da Cruz foi dividido em três setores urbanos e um rural. A cada rua ou trecho de estrada, o cenário do sertão e as formas de vida de seus habitantes vão ganhando contornos a partir dos olhares das recenseadoras. “Só vendo para descrever como é o sertão. Todos pensam que o pessoal do Nordeste vive uma seca danada, mas não é só isso, a forma de viver aqui é diferente. Com pouco dinheiro, nós produzimos nossos próprios alimentos”, comenta Juliete.

Segundo Lucas Henrique Pinto de Souza, coordenador de subárea do Censo 2010, o bom do sertão são as pessoas. “Aqui se encontra o homem do campo, o agricultor que vive do seu trabalho, que tem a sua terra e necessita do auxílio que vem do governo porque sofre por causa da seca. É todo um período preparando a terra e esperando a chuva vir e ela não vem. Aí ele perde o trabalho dele, a semente que tinha guardado de outros anos”.

No município, predominam as pequenas propriedades caracterizadas pela agricultura de subsistência. As famílias plantam milho, mandioca, feijão, dentre outros produtos, além de criarem cabritos e galinhas para o consumo familiar. Como na região o inverno deste ano foi uma estação com pouca chuva, os agricultores tiveram grande prejuízo. Em função da estiagem, açudes secaram, os leitos dos rios diminuíram consideravelmente e a vegetação ficou ressecada.

Maria das Graças explica que no sertão, quando chove e a terra fica molhada, os agricultores plantam no campo (também chamado de baixio ou roçado), mas em época de seca o lugar da plantação é a vazante – área no entorno de açudes e lagos que fica coberta de água no período de chuva. Ainda segundo ela, quando chove regularmente no inverno, os rios e açudes transbordam e dificultam a locomoção dos moradores.

“O sertanejo é um forte”

Ao longo da coleta de dados na zona rural de Riacho da Cruz, imagens do cotidiano sertanejo surgem a cada domicílio visitado. Na região, o principal meio de transporte é a motocicleta, apesar de o jumento ainda ser utilizado. Segundo Juliete, a rotina do recenseamento na zona rural é de muita poeira no rosto e de um abrir e fechar porteira sem fim.

Para Maria das Graças, uma preocupação do recenseador no setor rural é a de muitas vezes ser o primeiro a informar ao morador sobre o Censo. “Na cidade eu vejo o (presidente) Lula na televisão pedindo para a população receber os recenseadores em suas casas. Só que a minha vizinha lá do sítio, que não tem televisão, não viu. Então ela ficou sem essa informação. Quem vai passá-la para ela sou eu”.

É comum a população confundir o recenseamento com pesquisa de intenção de voto, em função de o Censo estar acontecendo em período eleitoral, e com representantes de financeiras interessados em conceder empréstimos. Uma situação delicada enfrentada pelas recenseadoras é associação que as pessoas estavam fazendo entre o cadastramento dos beneficiários de programas de assistência, realizado pela prefeitura, e a pergunta do questionário do Censo sobre esse tipo de benefício. Segundo Juliete, muitos entrevistados ficavam com medo de responder se recebiam auxílio do governo porque tinham medo de perdê-lo: “Depois que a gente reforçava a questão do sigilo das respostas, as pessoas respondiam sem problema”.

Para Marco Aurélio de Paiva Rêgo, prefeito de Riacho da Cruz, é importante as pessoas olharem o setor rural do Nordeste com outros olhos, pois na região de Riacho da Cruz a população tem energia elétrica em casa, transporte escolar e estradas, por exemplo. “Hoje temos cinco associações de produtores rurais que se reúnem para discutir melhorias para a zona rural. Temos que conviver com a incerteza do inverno: anos com chuvas acima da média, o que é um desastre porque derruba os reservatórios, e outros com pouca chuva. Mas como o nordestino é um forte, ele acaba aprendendo a conviver com essas adversidades”.

Cobertura da coleta - SP

Foto: Silvio Tanaka (Flickr)



Completa tradução

O

Censo 2010 no maior estado do País requer estratégia e logística apuradas. Afinal, os números em São Paulo sempre surpreendem: 66.833 setores censitários, 43.634 recenseadores e 1.054 postos de coleta. Tudo o que se faz é em grande escala e este é o seu diferencial.

O estado tem muitas faces, a começar por sua capital, uma das maiores cidades do mundo. E é justamente no centro desta grande cidade que se encontra um dos seus principais símbolos: o edifício Copan.

Alguns chegam a dizer que o Copan estaria para São Paulo do mesmo modo que o Cristo Redentor está para o Rio de Janeiro. Controvérsia à parte, ele está inscrito no "*Guinness Book*", o livro dos recordes, como o prédio de maior área construída da América Latina.

Acompanhar o Censo neste edifício é entrar em contato com uma realidade que ajuda a compreender a face urbana do Brasil, presente em inúmeras cidades do País; mas que em nenhuma outra, como em São Paulo, é tão viva e tão concreta.

Do fusquinha a mercedes blindada

A construção em forma de "S", saída da prancheta de Oscar Niemeyer, tem 32 andares, seis blocos, 20 elevadores, 1.160 apartamentos e 82 lojas. No total, são quatro setores censitários.

O Copan possui quitinetes e unidades de um, dois e três dormitórios. Por isso, é considerado um dos edifícios residenciais mais democráticos de São Paulo e do Brasil. Para comprovar esta pluralidade, o síndico Afonso Celso Prazeres costuma dizer que "na garagem do Copan existe desde o fusquinha até a mercedes blindada".



Da esq. para dir.:
Murilo Borges,
recenseador e morador
do Copan. O síndico do
Copan, Afonso Celso
Prazeres, em sua mesa
de trabalho.

Fotos: Daniela Meibak.

Ele narra o caso dos blocos E e F que, originariamente, teriam apenas uma unidade por andar, mas que foram modificados para 168 e 160 apartamentos, respectivamente. Afonso Celso conta que muitas pessoas dizem que esta divisão teria ocorrido pelo fato de Oscar Niemeyer, arquiteto do projeto, ser "comunista historicamente". O próprio síndico, no entanto, contesta esta versão. "Na verdade, houve uma coincidência na quantidade de apartamentos pequenos e grandes".

O recenseador Murilo Borges é morador do Copan e, mesmo que não seja muito conhecido dos vizinhos, como diz, é conhecido dos porteiros, o que já facilita bastante seu trânsito pelos corredores, escadas e elevadores. Em uma tarde de trabalho, no bloco B, depois de tentar três apartamentos, Murilo cruza no corredor com um morador. É o arquiteto Vinicius Spira, jovem, solteiro, um típico residente daquele bloco do Copan, constituído por apartamentos de um dormitório. Mas, como a unidade em que Vinicius mora fica do outro lado do corredor de onde foi iniciada a coleta, ele terá de ser recenseado depois.

Finalmente, no apartamento seguinte, Murilo é recebido pelo morador Marcos Silva Santos, que diz estar de saída, mas que assim mesmo pode responder à entrevista. Embora goste de morar no Copan, Marcos está de mudança do prédio. Ele é diagramador, bem-informado e considera importante a realização do Censo, "pois é uma forma de se conhecer o País da gente, que a gente constitui, o que se chama Brasil", declara.

A recenseadora Agnes Silva de Araújo, que tem um irmão residente no condomínio, relata ter sido bem-acolhida pelos moradores, embora em alguns domicílios precisasse retornar novamente, ora porque o morador não se encontrava, ora porque estava ocupado ou até mesmo porque a pessoa não queria atender naquele momento. "Alguns pediam que a gente voltasse em outro horário que não fosse o da novela", revela Agnes.

O agente censitário municipal (ACM), Denny Rogers Ribeiro Silva, observa que durante a semana, no Copan e em outros prédios com grande quantidade de pessoas que trabalham fora, a maioria dos apartamentos é dada como fechada. "O recenseador consegue produzir muito mais no fim de semana", afirma.

Experiência e apoios

O Censo em grandes prédios e condomínios tem suas peculiaridades. Wagner Martins Magalhães da Silveira, coordenador de divulgação do Censo em São Paulo, lista alguns destes pontos. Ele diz que é preciso vencer o porteiro, o segurança, a orientação de muitos síndicos de não deixar ninguém entrar no condomínio, além da própria resistência do morador que, não raro, orienta o porteiro para não ser incomodado por ninguém. Wagner relata ainda que para superar estas dificuldades iniciais foram enviadas cartas aos moradores, aos síndicos e aos porteiros.

O chefe da UE/SP, Francisco Garrido Barcia, lembra a experiência do IBGE de atuar em grandes prédios, e ressalta o processo de revitalização vivido pelo Copan desde o ano 2000. "Esta situação está facilitando a operação neste prédio que, inegavelmente, é um dos símbolos do urbanismo de São Paulo".

Cobertura da coleta - SP

O síndico Afonso Celso Prazeres, que já acompanhou como administrador do Copan três censos do IBGE, garantiu a fixação dos cartazes com os nomes e fotografias dos recenseadores em cada uma das seis entradas do prédio, e mandou distribuir as cartas informativas, além de ter conversado com os porteiros para proporcionar todo o apoio possível aos agentes do Censo. “Orientamos os funcionários, os moradores foram avisados, mas a colaboração nem sempre é fácil, dada a ocupação de cada um”, alerta o síndico.

O apoio de porteiros e zeladores facilita a vida dos recenseadores, pois eles indicam quando o morador chegou, informam quem está em casa, interfonam comentando que o recenseador está disponível. Para o agente censitário supervisor (ACS) Luciano Terriaca, o zelador acaba se tornando um “amigão” do recenseador.

Os porteiros do Copan fazem questão de mostrar adesão ao trabalho do Censo 2010. José Roberto Ferreira, responsável pelo horário da tarde no bloco B, assegura, inclusive, que procura argumentar com os moradores que pretendem responder o questionário pela Internet que é mais prático e rápido receber o recenseador no seu apartamento, porque “agiliza um pouco mais este tipo de situação”.

A UE/SP realizou parcerias e buscou apoios e colaborações que permitissem criar condições favoráveis à ação dos recenseadores. Este trabalho repercutiu não só em relação à coleta no Copan, mas em condomínios e prédios por todo o estado. O Sindicato das Empresas de Compra, Venda, Locação e Administração de Imóveis Residenciais e Comerciais de São Paulo (Secovi-SP), por exemplo, promoveu iniciativas de divulgação do Censo 2010 entre seus associados, empresas administradoras de imóveis e condomínios, por intermédio de cartas-circulares e newsletters.

O oriente é aqui

O posto de coleta da Liberdade, em São Paulo, convive diariamente com a ampla diversidade cultural e étnica da metrópole paulistana. É comum encontrar casas e prédios nos quais a maioria dos moradores é de coreanos; domicílios onde famílias chinesas chegadas há poucos anos no Brasil ainda se familiarizam com o português, além da própria região da Liberdade, histórico bairro dos imigrantes japoneses.

Os recenseadores procuram, em cada domicílio, alguém que fale o português, mas em muitos casos não encontram. Além disso, muitos dos que vieram nos últimos anos para o Brasil ainda não entendem direito os objetivos do Censo e ficam temerosos com as visitas e as perguntas do questionário. Esta situação é comum principalmente entre os migrantes mais velhos, considerados de primeira geração, e que são mais desconfiados.

A ACM e chefe do posto da Liberdade, Eunice Hatanaka, esclarece que algumas pessoas chegaram a falar que não iam responder ao Censo. O ACS Jackson Yang, filho de chineses, aprendeu em casa o idioma de seus pais e ajuda como intérprete. “Tem um recenseador que não conseguiu entrevistar alguns chineses e combinamos que eu vou acompanhar”, diz Jackson.

Para proporcionar uma comunicação mais eficiente e esclarecedora com as comunidades e colônias de imigrantes ou de brasileiros que ainda não falam o português, o IBGE providenciou a tradução das cartas explicativas do Censo para o mandarim (chinês) e para o coreano. O chefe da UE/SP, Francisco Garrido Barcia, explica que em outras ocasiões também foram feitas traduções das cartas de abordagem. “Isso facilita muito a coleta das informações”, orienta.



No alto, cartas do Censo em coreano e Mandarim (chinês). Acima, reunião no Posto de Coleta da Liberdade: a ACM Eunice Hatanaka e os ACSs Viviana Hirata, Ricardo Sloi Urbano, Jackson Yang e Felipe Kendi (da dir. p/ a esq.).

Foto: Diogo Oliveira



O Brasil que não fala português

Acompanhamos a coleta do Censo 2010 em três colônias estrangeiras de Santa Catarina.

O Brasil é uma mistura de cores, sotaques e diversidades. E uma faceta desse mosaico brasileiro são as colônias estrangeiras espalhadas pelo País, formadas por imigrantes de locais tão diversos quanto a Alemanha, a Itália e o Japão.

O Estado de Santa Catarina é repleto de colônias assim, cheias de brasileiros e estrangeiros radicados que não falam o português, ou que, mesmo que o saibam, preferem se comunicar na língua materna. A reportagem da *Vou te contar* visitou três cidades catarinenses que exemplificam bem as dificuldades que os recenseadores encontraram para poder se comunicar com quem não fala o português – e como eles superaram essas dificuldades.

Pedço da Áustria no Brasil

Treze Tilias fica a quase 500 quilômetros de Florianópolis, capital de Santa Catarina. A pequena cidade, de 6 mil habitantes, é famosa pela tradição tirolesa trazida por seus fundadores, imigrantes da região do Tirol, na Áustria, que encontraram nesse pedacinho de Brasil as condições ideais para recomeçar a vida. A influência austríaca está presente por todo o município, desde a arquitetura das casas até as comidas típicas.

Cobertura da coleta - SC



Fotos: Sueni Juraci de Mello dos Santos.

Os descendentes dos fundadores de Treze Tílias falam o português, mas isso não significa que os recenseadores da cidade não tenham problemas quando o assunto é a língua falada pelos entrevistados. “Minha primeira entrevista era numa casa em que havia um casal de chineses. A mulher não sabia nada de português, mas o marido entendia alguma coisa, e ele foi traduzindo para ela o questionário todo”, relata o recenseador Eurico Moreira Ribeiro, mostrando que o Brasil continua a atrair estrangeiros de todo o mundo.

Como Treze Tílias é de colonização recente – foi criada em 1933 –, ainda há grupos que falam exclusivamente o alemão, principalmente os idosos. E, em alguns casos, a língua diferente é apenas uma barreira que se adiciona a outras já existentes, como a desconfiança, por exemplo. Margarete Vieira de Souza, agente censitária municipal de Treze Tílias, conta que um casal de idosos austríacos só fala o alemão e se nega a abrir a porta à recenseadora. Margarete, que trabalhou como agente de saúde no município por oito anos, já tem uma estratégia traçada. “Vou acompanhar a recenseadora e a sobrinha do casal, que irá traduzir a entrevista para nós. Com o trabalho que desenvolvi na área da saúde, já sou conhecida pela população e, assim, fica mais fácil abrir as portas”, explica.

Da esq. para dir.: a recenseadora Doris entrevista seus sogros, Wendelin e Rovena Siewert. O estilo de construção enxaimel, presente em Pomerode, é típica da região da Pomerânia.

A história de um sobrevivente

O Município de Frei Rogério, na região serrana catarinense, abriga uma colônia de 30 famílias japonesas que vivem da agricultura. Apenas recentemente a colônia começou a interagir com a comunidade local, e o resultado dessa vivência fechada é que as gerações mais antigas não falam ou compreendem muito pouco o português.

Um exemplo dessa geração é o senhor Kazumi Ogawa, 81 anos. Apaixonado pelo Brasil, Kazumi é um sobrevivente da bomba atômica de Nagasaki. Tinha 16 anos na época da explosão e viveu os horrores e as consequências do pós-guerra em um Japão arrasado. Ele veio para o Brasil em 1961, após uma curta temporada nos Estados Unidos, e acabou escolhendo viver aqui. “Vim em busca de paz e felicidade”, frisa.

Sua busca pela paz se concretizou no Museu Parque Sino da Paz, localizado a poucos passos de sua própria residência. Dedicado à memória dos sobreviventes das bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki, o museu abriga um Sino da Paz enviado pelo secretariado da ONU em Nagasaki ao senhor Kazumi. É o sino de um templo budista do Século XVI, que permaneceu intacto mesmo após a explosão nuclear. “O sino também é um sobrevivente da bomba”, pondera Kazumi.

Todos os dias, o senhor Kazumi cumpre um pequeno ritual: acorda bem cedo pela manhã e, após subir ao topo do morro localizado no Museu Parque, toca o Sino da Paz. “É como se o seu som ecoasse, espalhando a paz pelo mundo”, conta. Para ele, o



Fotos: Sueni Juraci de Mello dos Santos.

Da esq. para dir.: Kazumi Ogawa (à direita) faz uma pausa em seu trabalho no Parque do Sino da Paz para responder ao Censo. Ingomar e Alinda Volkmann recebem a recenseadora Iris Eskelsen.

Brasil é o País ideal para propagar essa mensagem de paz e harmonia. “O Brasil é fantástico. Sempre digo aos jovens daqui como eles são sortudos por nascer em um País tão pacífico”, diz, emocionado.

Apesar de todo o seu carinho pelo Brasil, o senhor Kazumi fala e compreende muito pouco o português, e sua entrevista ao Censo 2010 teve que ser traduzida para o japonês por seu sobrinho, Naoki.

“Willkommen, Zensus 2010”

Pomerode carrega orgulhosa o título de “cidade mais alemã do Brasil”, e não é à toa. Foi criada em 1861 por imigrantes provenientes da Pomerânia, uma região entre a Alemanha e a Polônia, e até hoje a cultura desse povo germânico é muito forte na cidade: cerca de 80% de seus habitantes são descendentes de pomeranos. A utilização do dialeto pomerano é tão difundida na população que, em setembro deste ano, a prefeitura de Pomerode instituiu no município a língua alemã como co-oficial secundária. Isso significa que os atendimentos ao público poderão ser realizados em alemão, o estudo da língua germânica será estimulado nas escolas da rede municipal e as placas de sinalização de trânsito e de logradouros deverão ser redigidas nos dois idiomas oficiais.

Como em outras colônias estrangeiras, os idosos são os que mais utilizam o idioma, preferindo se comunicar no dialeto pomerano em vez de falar em português. No entanto, essa peculiaridade não trouxe dificuldades aos recenseadores de Pomerode, pois uma boa parte deles fala o alemão.

Iris Eskelsen é uma das integrantes desses recenseadores. Embora não tenha nascido em Pomerode, Iris é descendente de alemães e viveu na Alemanha por nove anos. “Há diferenças entre o alemão e o dialeto pomerano, mas dá pra entender bastante”, conta. Já a recenseadora Doris Boni Siewert aprendeu o alemão com os avós, no Paraná. Hoje, ela vive em Pomerode e é nora de um casal de descendentes de pomeranos, Wendelin e Rovena Siewert, 74 e 73 anos. “Saber o alemão foi fundamental para muitas entrevistas do Censo que fiz com os mais velhos. Se não soubesse, estaria perdida”, brinca. Ela mesma recenseou os sogros – falando em alemão, claro.

Vizinho aos Siewerts, o casal Ingomar e Alinda Volkmann, 71 e 68 anos, também aguardava a chegada do Censo 2010. Bem-humorado, Ingomar mostrou seu roçado e até ofereceu um gole de seu licor de gengibre artesanal, enquanto Alinda arrumava uma farta mesa de café da tarde para as “visitas”. Quem vê toda essa receptividade nem sabe o quanto seu povo sofreu para preservar a cultura germânica. “Havia muita perseguição, a gente era proibido de falar alemão, houve tortura. Quem fosse pego falando alemão era obrigado a beber óleo de carro”, conta Ingomar, lembrando a época em que o Brasil entrou na Segunda Guerra Mundial, alinhando-se contra a Alemanha.

Mas, felizmente, esses são tempos passados. Ingomar e Alinda responderam todo o questionário do Censo 2010 em sua língua materna, o alemão: justamente a mesma que, um dia, quiseram impedi-los de usar.

Cobertura da coleta - MT

Foto: Licia Rubinstein.



Em campo no Brasil Central

Rumo leste, de Cuiabá a Campo Verde, inúmeros balneários e cachoeiras convidam turistas e viajantes; cruza-se a Chapada dos Guimarães, mas logo a seguir a paisagem muda. Quilômetros de campos de algodão se sucedem e centenas de enormes fardos da pluma colhida, cobertos por lonas, aguardam embarque. Ali, na “capital nacional do algodão”, os caminhos do Censo passam pelos grandes aglomerados do agronegócio do algodão, da soja e do milho. Mas também cruzam os sítios dos colonos sulistas e os assentamentos de pequenos agricultores.

Rumo oeste, mais ao sul, de Cuiabá a Poconé, a “capital do pantanal”, estâncias e fazendas de gado ocupam a paisagem. Chega-se a Porto Cercado, no rio Cuiabá. Ali, descendo ou subindo pelas águas do Cuiabá, os caminhos do Censo seguem de barco.

Urbano e rural

A estrada de terra corta a rodovia estadual e é por ela que Líbia de Souza Boss caminha até chegar ao primeiro sítio que irá recensear em mais um dia trabalho. O local é classificado pelo IBGE como situação 20, isto é, setor urbano com característica rural.

É uma casa simples, bem cuidada, de aparência espaçosa, com uma larga varanda que circunda toda a construção. Plantada no quintal, destaca-se uma espécie agora muito comum na região: a antena parabólica.

Líbia conhece os moradores, mas se anuncia, diz que é do Censo e é recebida com um abraço e um grande copo de água gelada. Nessa época do ano, faz muito calor em Mato Grosso e em todo o Centro-Oeste.

Laudir Alberto Duranti, sua mulher, Ivete Mores Duranti, e os filhos Alberto e Cláudia vieram de Santa Catarina há dez anos. Ele comenta que a região de Campo Verde é um dos celeiros do País, mas que possui também muitas pequenas propriedades. “Aqui são chácaras pequenas,

mas eu me acostumei com pouca terra, são bastantes famílias que vieram do oeste de Santa Catarina, parte do Rio Grande do Sul e parte do Paraná. Sou de origem italiana, meu avô veio da região do Vêneto". Sorrindo, ele complementa, como quem faz uma revelação: "Aqui, eu não planto nada, eu industrializo. Tenho uma fábrica de derivados de suíno e faço linguiça, salame, copa, toscana e queijo de porco (um tipo de embutido)".

A recenseadora, que já havia fechado dois setores urbanos em Campo Verde, comenta que, na maioria das vezes, é bem recebida. Ela diz que os moradores das áreas rurais, por estarem distantes dos centros urbanos e "quase não receberem visitas", parecem ter uma melhor aceitação dos agentes censitários.

Para vencer as longas distâncias, Líbia utiliza os serviços de mototáxi. "Na parte mais rural, o mototáxi vai me levar e fica junto comigo; na parte mais urbana, ele me deixa em um determinado local e depois me apanha", explica.

Fotos: Licia Rubinstein.



Da esq. para dir.: no rio Cuiabá, o mapa com os domicílios é chave para o recenseador Sérgio Murilo da Costa Queiroz. Laudir Alberto Duranti, ao lado da filha Cláudia e da mulher Ivete, é entrevistado por Líbia de Souza Boss. Na porta de sua casa, na localidade de Porto da Manga, o pescador José Odenir de Oliveira recebe o Censo.

A coleta nos setores rurais requer uma estrutura especial, além do apoio de prefeituras e instituições locais. Em Campo Verde, conforme relata Ricardo Garcia Aratani, coordenador de subárea, a parceria cria melhores condições para o trabalho na zona rural do município, que é uma região de grandes propriedades, mas também possui pelo menos quatro assentamentos, pequenas propriedades e uma agrovila. São 12 setores rurais e quatro de situação 20.

Tiago Monteiro de Assunção, coordenador de divulgação do Censo em Mato Grosso, destaca o papel da Comissão Censitária Estadual-CCE e das Comissões Municipais de Geografia e Estatística-CMGE na iniciativa de buscar parceiros entre os órgãos públicos espalhados pelos 141 municípios. De acordo com Tiago, os órgãos públicos "contribuíram com indispensável suporte logístico, como cessão de imóveis, veículos e combustível para os censitários do IBGE".

Domicílios na fazenda

São Miguel é uma das centenas de grandes fazendas que existem no Município de Campo Verde dedicadas ao cultivo alternado de algodão, soja e milho. A fazenda possui 8.400 hectares de terra e faz parte de um "aglomerado" constituído por cinco fazendas. Olimar Antonio Gottens, gerente da São Miguel, esclarece que a expressão "aglomerado" significa a união de várias fazendas que vão se juntando a partir da produção conjunta e da interligada até se transformarem em uma só.

Em cada uma das fazendas – também chamadas de sedes – vários funcionários moram em vilas e alojamentos no interior das próprias fazendas. De acordo com o coordenador de subárea Ricardo Garcia Aratani, este tipo de domicílio é típico de um estilo de vida e de trabalho comum em Mato Grosso.

Cobertura da coleta - MT

A vila na Fazenda São Miguel tem sete casas, um alojamento para homens e um para mulheres solteiras. A família de Wanderléa de Souza Aguiar Amim representa bem esta realidade.

Ela e o marido Edmilson Amim trabalham na fazenda e moram na vila há quatro anos. Ele é encarregado de lavoura e ela, cozinheira. Os dois são do Paraná e há 17 anos se mudaram para Mato Grosso. Ambos nasceram, foram criados e sempre trabalharam em fazendas. “A vida inteira morei em fazenda, do mesmo modo que meus pais. Tenho dois filhos que também nasceram em fazendas; o mais novo, Jonatan, de 4 anos, nasceu aqui mesmo”. Wanderléa acredita que uma fazenda ainda é o melhor lugar para se criarem filhos.

Nas margens do Rio

O Censo em Mato Grosso enfrenta também muitos outros desafios. O estado é constituído por diferentes regiões e variados tipos de colonização. O chefe da UE/MT, Delvaldo Benedito de Souza, aponta as características e mudanças que existem de uma região para outra. “Temos a região sulista com cidades mais novas e organizadas; as cidades que surgiram em função do garimpo, que são mais antigas, históricas e temos a região do Pantanal, que é totalmente diferente”. Delvaldo define o pantaneiro como aquele mato-grossense típico, com um linguajar próprio e sistemas de vida totalmente diferenciados do que hoje se observa em Mato Grosso.

Poconé e Barão de Melgaço são dois municípios no Pantanal. Só de barco pelo rio Cuiabá é possível fazer o Censo da população ribeirinha. Descendo o rio, à margem direita é Poconé; e à esquerda, Barão de Melgaço.

A embarcação que parte de Porto Cercado, em Poconé, leva os recenseadores Sérgio Murilo Costa Queiroz e Agnaldo Marques de Souza. Sérgio é recenseador de primeira viagem, Murilo é veterano do Censo 2000 e da Contagem da População de 2007.

Uma viagem deste tipo requer cuidados especiais. Agnaldo conta que os deslocamentos duram alguns dias e que eles levam os mantimentos necessários, além de uma barraca. “A gente não tem lugar fixo para dormir, quando escurece e não conseguimos pouso em nenhuma casa, temos de dormir na barraca mesmo”.

O coordenador de área Antonio Rubens fala das dificuldades, mesmo considerando o fato de que muitos recenseadores moram nas áreas onde atuam, e as conhecem do dia a dia. “Quem trabalha nos setores rurais enfrenta os problemas das distâncias e, muitas vezes, tem de levar o almoço ou um lanche”, ensina.

Quase uma hora de navegação e o barco atraca na localidade conhecida como “Porto da Manga”. É o primeiro domicílio que vai ser recenseado nessa jornada. Sérgio Murilo desembarca e caminha até uma casa simples de madeira – um tipo de construção local muito comum – no mesmo terreno onde existem mais três domicílios. Ali moram José Odenir de Oliveira e sua mulher, Maria da Cunha. Eles têm dois filhos que estudam em Poconé.

Há quatro anos, José Odenir e a mulher saíram de Cuiabá e hoje vivem da pesca, no Pantanal. Eles integram uma das muitas colônias de pescadores que existem em Poconé e Barão de Melgaço. Maria da Cunha está na beira do rio limpando peixes e é o marido quem responde ao questionário. A entrevista é rápida e os recenseadores seguem viagem.

Já é mais de meio-dia e o mapa que Sérgio Murilo consulta o tempo todo informa que ainda existem muitos domicílios rio abaixo.

Censo e emancipação

Líbia de Souza Boss tem apenas 17 anos. Ela fez o concurso do Censo 2010, foi aprovada, mas para poder tomar posse no seu primeiro emprego teve que ser legalmente emancipada por seus pais. Líbia nasceu em Cuiabá e se mudou com a família para Campo Verde há sete anos. Ela já está no ensino superior e cursa o segundo período de análise de sistemas, no Instituto Federal de Mato Grosso. “Eu espero estar contribuindo para fazer o Censo 2010 e conhecer melhor a população”, esclarece a jovem.

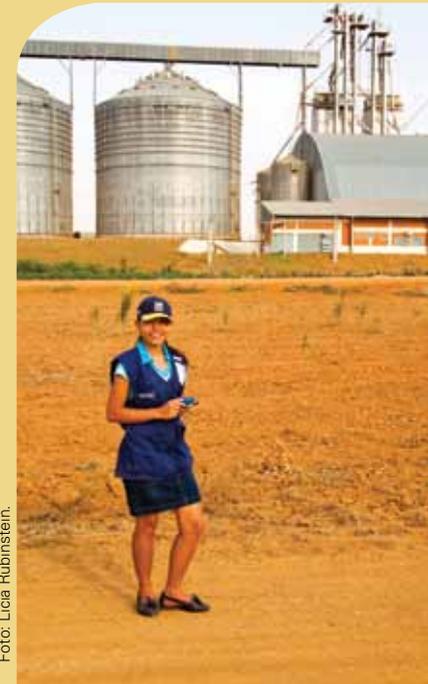


Foto: Licia Rubinstein.



Foto: Svenwerk (Flickr).

Onde mora um, moram vários

Asilos, orfanatos, hotéis, pensões, alojamentos, repúblicas de estudantes, entre outros, são exemplos de lugares que exigem uma atenção especial dos recenseadores. Esses locais são classificados pelo Censo 2010 como domicílios coletivos, com ou sem morador. Para conhecer um pouco dessa experiência, a *Vou te Contar* subiu e desceu várias ladeiras de um município de Minas Gerais que tem muita história para contar...

Ouro Preto tem lugar de destaque na história do Brasil desde o final do Século XVII, quando teve início o ciclo de exploração de suas minas em busca de ouro, até os dias de hoje quando se tornou um importante centro turístico e de preservação do patrimônio histórico e cultural do País. Um passeio pelas ruas do município revela traços de nosso passado, preservados na arquitetura barroca das igrejas e nas fachadas de inúmeros casarões, muitos dos quais deixaram de ser um lugar de memória para se transformarem em moradia de estudantes - locais que exigem uma estratégia específica de coleta no Censo 2010.

Foto: Mônica Marti de Souza e Rafael Antunes.



A Universidade Federal de Ouro Preto-UFOP possui um alojamento estudantil com 64 quartos individuais e 54 “repúblicas federais” - imóveis cedidos pela universidade para funcionarem como moradia para seus alunos - localizadas em Ouro Preto e sete em Mariana. Outra alternativa para os alunos da UFOP são as repúblicas particulares formadas por grupos de estudantes que alugam uma casa por conta própria.

Nas famosas repúblicas estudantis de Ouro Preto nem todos são classificados como moradores do município. Segundo Marilene Gurgel Sampaio, coordenadora de subárea do Censo 2010, para que alguém seja considerado morador em uma república é preciso que não tenha ido à residência de origem em um intervalo de um ano, tendo como referência o dia 31 de julho de 2010, e que custeie suas próprias despesas, sem receber dinheiro da família.

Samuel Freitas, o famoso “Cacoete”, aluno do curso de estatística na UFOP, é um exemplo de morador. Ele trabalha na prefeitura de Ouro Preto e reside na república Aquarius, administrada pela UFOP e considerada a maior da América Latina. “Aqui a gente aprende a viver em comunidade e a dividir as alegrias e as angústias com pessoas de origens diferentes da nossa. Com o tempo, a gente acaba virando uma família mesmo”.

Opinião compartilhada por Priscilla Lidia Salierno, recém-formada em Engenharia pela mesma universidade: “O melhor em uma república é a união. É uma família que a gente tem aqui, alguém que cuida da gente”. Como Priscilla ainda não tem renda própria e divide o aluguel de uma casa com um grupo de estudantes (a república Quase Normal), não vai ser considerada como moradora pelo Censo.

Portanto, nas repúblicas somente os moradores de fato vão ser contados como integrantes da população de Ouro Preto. Os demais estudantes serão contabilizados nos domicílios de origem. Sendo assim, é possível que muitas repúblicas não tenham nenhum estudante classificado como morador. Neste caso, elas serão classificadas como domicílio coletivo sem morador.

Entretanto, no Censo 2010, somente as repúblicas que pertencem à universidade são chamadas de domicílios coletivos. As criadas pelos próprios estudantes são denominadas de domicílios particulares comuns. “Para a república ser considerada domicílio coletivo é necessário que ela seja institucionalizada e esteja administrativamente subordinada à universidade. Nesse caso, o recenseador precisa conversar com o administrador ou responsável e depois com cada morador”, explica Marilene.

Ainda segundo a coordenadora, nas repúblicas particulares o grau de parentesco entre os moradores que deve ser registrado no questionário do Censo é de agregado para aqueles que não tiverem nenhum parentesco. “Quando forem entrevistá-los, vão checar se esses locais têm características de república: se os moradores dividem as despesas, se têm estatuto com regras. Nos domicílios coletivos, cada quarto ou mesmo cada cama é considerada local de residência”, esclarece Marilene.

Da esq. para dir.: a república Aquarius é a maior da América Latina. Nela, Samuel Freitas e os amigos dividem as tarefas e as despesas. Em Ouro Preto, o que não falta é criatividade na criação dos nomes das repúblicas.



Fotos: Alvaro Vasconcellos.

Um dia no posto de coleta

São nove horas da manhã na sede da Guarda Municipal em Botafogo, Zona Sul do Rio de Janeiro. Os guardas nos cumprimentam, vendo os crachás do IBGE: com o apoio da prefeitura, ali funcionam dois postos de coleta do Censo 2010. Na sala, as duas ACMs responsáveis pelos postos já estão atendendo supervisores. O ambiente é calmo, porque a equipe do posto trabalha em turnos – são mais de 100 recenseadores, somando os dois postos. É uma sala em que sempre há gente entrando e saindo.

“Geralmente o recenseador vem duas vezes por semana para descarregar o PDA no *notebook* do posto. Eles combinam com o supervisor para se encontrar aqui”, conta Alexandra Milanez, ACM do posto responsável pelo Humaitá, bairro vizinho a Botafogo. A rotina de Alexandra é chegar ao posto, abrir os *e-mails*, verificar o que há para atualizar no aplicativo do PDA e conferir relatórios, muitos relatórios de acompanhamento e supervisão. Duas vezes ao dia ela faz a transmissão dos dados para a central do IBGE e o armazenamento de segurança (*backup*) dos dados. “Não posso deixar de fazer isso nunca”, diz Alexandra. Sob sua responsabilidade estão 63 recenseadores e seis supervisores, a quem ela deve dar retorno sobre os trabalhos e cobrar agilidade. E também ter um tempo para uma conversa informal porque, segundo ela, os recenseadores vêm cheios de histórias, ávidos para compartilhar suas experiências.

“Ah, é muita história. É cansativo, mas muito interessante”, diz o recenseador Rodrigo Pamplona, 19 anos, a respeito desta que foi sua primeira experiência profissional. “Você lida com todo tipo de pessoas e situações. Fomos até xingados, eu e o IBGE” conta, inconformado. Rodrigo, como a maioria dos recenseadores que estiveram no posto ao longo desse dia, já terminou seu setor e veio devolver o PDA. E, também como a maioria, ainda tem esperança de conseguir fazer mais um setor de outra subárea.

Barbara de Lima, sua supervisora, lhe explica sobre expedientes de pagamento e documentação. Há mais recenseadores aguardando a vez de conversar com Barbara, assinar documentos, tirar dúvidas. Os supervisores costumam ficar no posto de coleta para essa função, mas ainda há o trabalho nas ruas. Conforme explicam Jorge Pereira e Julia Bruna, também supervisores, o melhor horário para o trabalho de campo é antes das 8h ou depois das 17h, quando a probabilidade de encontrar moradores em casa é maior. “A gente evita ir antes das 8h, né, porque geralmente está todo mundo correndo”, explica Jorge. Ele e Bruna sairão mais tarde, para fazer reentrevistas e conferência de percurso em setores diferentes, mas bem próximos. Entrosados, eles contam que a amizade que surgiu no trabalho trouxe também a surpresa de se descobrirem vizinhos: “A gente era vizinho e não sabia, imagina!”, riem, enquanto compartilham conversas de censo e de música em mais uma tarde no posto de coleta.



As cores do Brasil

No Censo 2010, a pergunta sobre cor ou raça foi incluída no questionário aplicado em todos os domicílios do País, uma mudança em relação ao Censo 2000, quando a questão fez parte do questionário da amostra. “A cor da pele é uma variável estrutural. Hoje em dia você se define pela idade, pelo sexo e pela cor da pele. O ser humano está baseado nesse tripé, pois são características estruturantes do indivíduo”, esclarece Ana Lucia Sabóia, gerente de Indicadores Sociais do IBGE.

Na coleta, o recenseador pede para o próprio entrevistado classificar os moradores do domicílio segundo a cor ou raça: branca, preta, parda, amarela ou indígena. Os que escolherem a opção indígena vão responder perguntas sobre a língua falada. Segundo Ana Sabóia, a autodeclaração da cor ou raça foi adotada porque nas sociedades nos classificamos através de uma comparação com o outro:

“Essa questão de cor na nossa sociedade é muito relacional: você se classifica olhando para o outro. Uma pessoa pode olhar para outra e dizer que a vê como branca, mas essa pessoa pode se ver como parda. O importante é como você se sente dentro do seu grupo social”.

A investigação sobre cor ou raça faz parte dos Censos Demográficos brasileiros desde 1872. Ainda segundo a pesquisadora, os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios-PNAD dos últimos seis anos mostram que está havendo um aumento do número de pessoas que se declaram pretas ou pardas. “Acreditamos que esse crescimento seja por conta de que hoje em dia nos debates sobre a questão racial é uma preocupação não só da sociedade brasileira como do mundo todo. A questão da discriminação tem sido colocada como um debate público”, explica.

Hora de verificar e corrigir

Sociedade é chamada a participar na reta final do Censo

A quarta rodada de reuniões das Comissões Municipais de Geografia e Estatística-CMGEs tem por objetivo discutir com a comunidade a evolução da coleta nos municípios, verificar como está o desenvolvimento do trabalho dos recenseadores e apresentar os resultados preliminares. Esse é o momento mais adequado para a sociedade avaliar, junto com o IBGE, os rumos do Censo no município.

Nas reuniões, os membros das comissões, representantes municipais, entidades e organizações comunitárias podem informar sobre os setores censitários onde existe desacordo em relação ao andamento do Censo, sobre locais que apresentem dificuldades para a realização da coleta ou dúvidas sobre o processo.

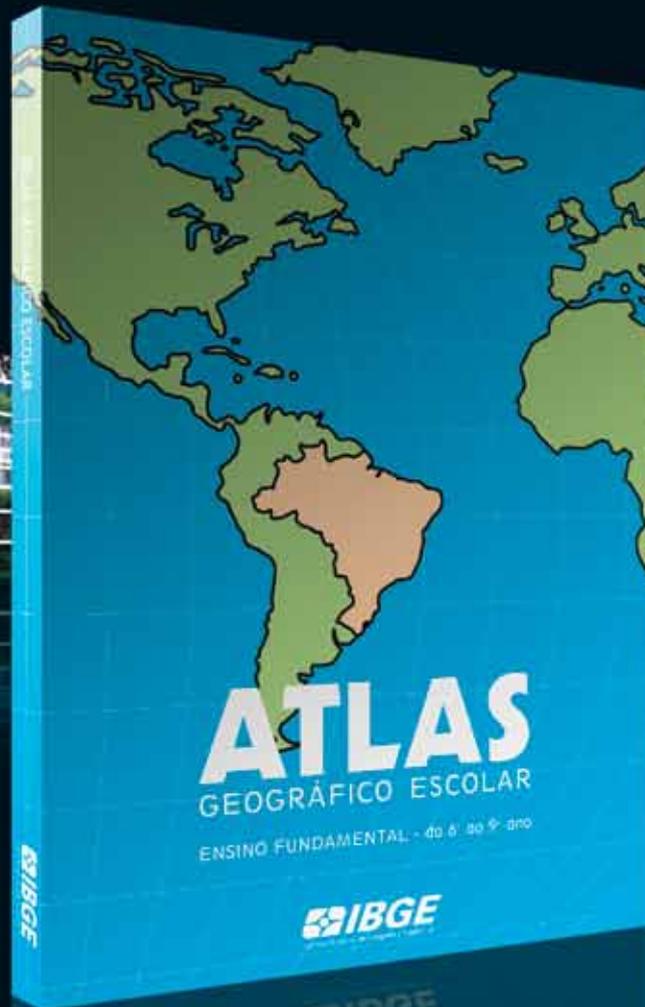
De acordo com o coordenador das comissões, Alceu Vanzella, as reuniões da quarta rodada das CMGEs devem ser realizadas, preferencialmente, quando a coleta já tiver alcançado cerca de 90% da população do município. Com este percentual, já é possível se fazer uma análise mais detalhada de como está a coleta na região e, por outro lado, ainda existe tempo suficiente para a correção e ajuste de possíveis problemas. “É a hora de a comissão trazer efetivamente a participação da comunidade, da sociedade, indicando o que deve ser corrigido. Nós informamos a situação para a comunidade e pedimos ajuda para ter a garantia de que ninguém fique de fora”, esclarece o coordenador.

A data limite para a realização das reuniões é 22 de outubro, de modo que até o dia de encerramento da coleta, 31 de outubro, pode haver as correções, verificações ou supervisões necessárias. Alceu Vanzella explica que esse tempo, entre os dias 22 e 31 de outubro, permite ainda retornar à sociedade e ao prefeito as demandas e respostas a respeito destes possíveis questionamentos.

É com base no número de habitantes dos municípios, que será divulgado pelo Censo 2010, que o Tribunal de Contas da União-TCU definirá as cotas individuais de cada município do Fundo de Participação dos Municípios-FPM.

Na quinta rodada das CMGEs, que acontecerá após a divulgação dos primeiros resultados do Censo 2010, já serão anunciados os resultados do total da população de cada município. Esse resultado será publicado no Diário Oficial da União-DOU em 4 de novembro e os municípios terão 20 dias para recorrer, caso discordem. O resultado final da população será entregue ao TCU em 27 de novembro.

O novo Atlas para o Ensino Fundamental



ATLAS GEOGRÁFICO ESCOLAR

Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano

www.ibge.gov.br 0800-721-8181

O CENSO CHEGOU PARA O PAÍS SE CONHECER MELHOR.

Responder ao Censo é orientar a construção de novas escolas e novos hospitais e a geração de novos empregos. Receba bem o recenseador e responda corretamente às perguntas.



CENSO 2010



MAIS INFORMAÇÕES:
0800 721 8181
www.ibge.gov.br/censo2010

IBGE
CENSO
2010

IBGE
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística